

## A MULHER E O HOMEM NA SABEDORIA POPULAR

“A mulher só dá ao homem dois dias de felicidade: o dia em que ele se casa e o dia em que ele a enterra.” - Hiponix de Éfeso (Século VI, A.C.)

“As mulheres são todas um bando de abutres.” - Galo Petrônio (Século I, A.C.)

“Como podemos desejar abraçar aquilo que nada mais é do que um monte de estrume?” - Santo Odo de Cluny.

“As meninas começam a falar e ficam em pé mais cedo que os meninos, porque as ervas daninhas sempre crescem mais rapidamente.” - Martinho Lutero.

A mulher é uma deusa ou uma feiticeira? Uma santa ou uma pecadora? A serpente ou a maçã? Ou tudo, ao mesmo tempo?

Agora, mais do que nunca, a mulher continua sendo um enigma, uma interrogação que não encontra resposta em nenhuma filosofia, como se fosse um horizonte, sem começo nem fim.

"Animal de cabelos longos e idéias curtas" - no dizer de Schopenhauer - a mulher sempre contou com inúmeros e famosos inimigos gratuitos como o italiano Pitigrilli, o brasileiro Berilo Neves e tantos outros espalhados pelos quatro cantos do mundo. Pitigrilli chegou até a definir a mulher como "a escarradeira do amor", sem se lembrar que nessa escarradeira ele foi gerado e teve direito à vida. Até mesmo o poeta popular Zé Catota, da região do Pajeú, falava mal das mulheres, por brincadeira e para rimar:

"Eu não confio em mulher  
Não tem essa nem aquela  
Não merece confiança  
Nem no tempo de donzela:  
Eu não creio em fechadura  
Que toda chave dá nela..."

Mas a verdade é que a mulher, com sua inteligência e sua beleza, sempre soube vencer seus gratuitos inimigos, geralmente homens mal-amados e, conseqüentemente, carentes, inimigos que desapareceram na voragem do tempo.

Dada, vendida, alugada, trocada, a mulher, até as últimas décadas do século passado, sempre foi considerada como um objeto qualquer, como se não fosse um ser humano, com direitos, anseios e um destino. Em O Trabalho da Mulher na História, Floro de Araújo Melo, citando Will Durant, diz que "No passado, a condição jurídica e social da mulher era deplorável. Trabalhava como um ser inferior, sem capacidade jurídica nem responsabilidade social, como

verdadeira escrava, não tinha outra função na vida que a maternal e a doméstica. Chegou mesmo a ser considerada pelo homem como um objeto, uma coisa, um simples animal doméstico, colocado como outra qualquer mercadoria. Até 1900, mais ou menos, a mulher não possuía nenhum direito que, por lei, o homem fosse obrigado a respeitar. No Século XIX, as africanas ainda eram vendidas como escravas, puras máquinas agrícolas; no Taiti e na Nova Bretanha tinham que alimentar, no peito, os leitões; na Marry England, os maridos podiam legalmente bater em suas mulheres, contanto que as não matassem; a mulher ganhava dinheiro e o dinheiro pertencia ao marido; se trazia dote, a ele cabia dispor do dote".

Até pouco tempo - como se comprova em registro feito pelos cronistas coloniais do Século XIX, e como ainda hoje continua acontecendo nos mais distantes rincões - a mulher não tinha nem o direito de aparecer na sala de visita quando chegava um amigo do dono da casa e nem sentava à mesa durante as refeições. A mulher era mais uma máquina de fazer filhos, uma pessoa que levava a vida inteira cozinhando, costurando, pregando botões, cerzindo meias, varrendo a casa, lavando e passando a roupa do marido e dos filhos. E alguns maridos eram tratados por senhor por suas mulheres que tinham, ainda, a obrigação de servi-los, sexualmente.

Nos dias em que vivemos, a mulher conseguiu conquistar o seu lugar ao sol, ter os seus direitos respeitados como cidadãs do mundo, graças à tenacidade, à perseverança, à luta de muitas mulheres que abriram seu horizonte, caminhando passo a passo com o homem, nas ciências, nas artes e nas letras. Em *A Superioridade Natural da Mulher*, o escritor Ashley Montagu salienta que "Em quase todos os setores, as mulheres estão atingindo posições que antes eram consideradas além de sua capacidade. As mais fechadas sociedades científicas finalmente lhes abriram as portas e conferiram as mais altas honrarias. Há cinquenta anos era inconcebível que uma mulher tivesse inteligência suficiente para distinguir-se no campo da ciência. Madame Curie era considerada uma raridade, a exceção que confirmava a regra da superioridade masculina. Mas as mulheres contemporâneas que fazem parte das mais importantes sociedades científicas não são mais exceções, Lise Meitner, famosa pelo urânio 238; não é uma exceção. E Madame Curie já não é mais a única mulher a quem foi conferido um Prêmio Nobel de Ciência. Há a filha de Madame Curie, Joliot, e Gerti Cori, que recebeu o Prêmio Nobel de Fisiologia e Medicina. em 1947. Em 1964, Dorothy Hodgkin foi laureada em Química. Há também a descobridora do 879 elemento, o frâncio, Margareti Perey que, em março de 1962, foi a primeira mulher a ser eleita membro da Academia Francesa de Ciência. Prêmios Nobel de Literatura foram conferidos a Selma Lagerlof, Grazzia Deleda, Sigrid Undst, Pearl Buck e Gabriela Mistral".

Conquistando sua posição, a mulher, agora, brilha tanto quanto o homem, dando, assim, sua valiosa contribuição ao progresso da humanidade.

Acontece, entretanto, que ninguém tem o direito de generalizar qualquer coisa, especialmente o comportamento humano. Mas podemos afirmar, sem nenhum exagero, que nem todas as mulheres estavam preparadas para o longo passo que deram.

Aqui, no Brasil, em vinte anos a mulher percorreu um caminho que não havia conseguido percorrer durante quase cinco séculos. Acredito que a mulher brasileira ainda tenha a necessidade de amadurecer a conquista de seus direitos, disciplinando, assim, seu comportamento de conformidade com as novas regras do jogo. A mulher tem que continuar a ser feminina e não feminista, sem se espelhar no homem, sem imitar sua maneira de andar, de vestir, de falar, de agir. É preciso que a mulher se conscientize de que não precisa nunca imitar o homem mas continuar sendo mulher, de vez que nunca existiram duas coisas tão diferentes como o homem e a mulher, cada qual cumprindo o seu destino. Tendo todos os seus direitos assegurados, a mulher só precisa continuar sendo mulher, vaidosa, terna, doce, meiga, companheira do homem nas suas lutas e nos seus anseios, flor enfeitando os caminhos do mundo.

Apesar de vir conquistando seus direitos numa luta desigual através dos séculos e das

vitórias conseguidas pela força de sua intelectualidade, a mulher continua sendo maldosamente explorada pelo homem, que a transforma em objeto sexual. O cinema, a televisão e as revistas, mais do que nunca mostram, com sua aquiescência, seu corpo nu, com toda sua esplendorosa beleza. Nas praias, com sumaríssimas roupas de banho, a mulher está mais nua do que vestida. Mas pergunto - a mulher vale somente por seu corpo vestido apenas pela beleza da juventude?

Mesmo sendo uma das palavras mais bonitas em todas as línguas, a liberdade não encontra alicerce no amor. O amor livre significa desagregação moral, um perigo social, o fim da família, a prostituição e a morte do amor.

A mulher - e é sempre bom que se repita muitas vezes - nunca deve esquecer que é uma flor. E além de ser uma flor envolta numa simbólica divindade, também é uma deusa. Uma deusa capaz de gerar vidas nos momentos de amor.

A marginalização da mulher no que diz respeito à sabedoria popular também acontece. Nas quadras populares, nas lendas de caminhão, nos ditos, provérbios - principalmente nos mais antigos - a mulher continua sendo vítima da maldade do homem que sempre procura diminuir seu valor, preferindo, na maioria das vezes, a mulher/corpo à mulher/espírito.

Esta pesquisa foi iniciada em 1967. Devagarinho, fui guardando, fichando tudo quanto foi surgindo ante meus olhos e minha curiosidade de pesquisador durante quase três décadas. Sei, como costume sempre dizer, que não se trata de um trabalho completo nem perfeito, por saber que não existe nada que assim possa ser considerado. É, apenas, mais uma minha contribuição ao estudo do folclore brasileiro.

A Mulher e o Homem na Sabedoria Popular, Geografia Vocabular do Pau Através da Língua Portuguesa e Riqueza, Alimentação e Folclore Do Coco foram pesquisas geradas na Fundação Joaquim Nabuco.

Fonte: MAIOR, Mário Solto. *A mulher e o homem na sabedoria popular*. Recife : 20-20 Comunicação e editora, 1994. 99p.